

REFLEXÕES DA GUERRA FRIA NAS PÁGINAS DE “V DE VINGANÇA”

Gustavo Montalvão Freixo*

Após anos de imenso sucesso comercial e inúmeras adaptações para outras mídias, as histórias em quadrinhos transcendem suas páginas e se tornam representantes de uma cultura, de uma forma de pensar. A verdade é que os quadrinhos fazem parte do cotidiano do mundo ocidental e hoje é sabido que os heróis habitam também nosso imaginário e refletem acontecimentos do “mundo real” em suas páginas. Assim, é possível analisar características de períodos históricos por meio das páginas das revistas.

O presente trabalho se propõe a verificar os reflexos políticos presentes nas páginas de uma das obras mais importantes dos anos oitenta: “V de Vingança”, escrita pelo britânico Alan Moore e publicada na última década da Guerra Fria, com especial ênfase para o pensamento escatológico, típico do período.

Primeiramente faz-se necessário compreender alguns aspectos conjunturais da Guerra Fria, período em a iminência de um conflito mundial era conhecida por todos. Sua origem remonta à rodada final da Segunda Grande Guerra, quando as potências vencedoras do conflito reuniram-se na chamada conferência de Yalta onde, fundamentaram a divisão do mundo em áreas de influência sob o comando desses países. (HOBSBAWM, 1995: p. 224)

“A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais.”

Sendo um período tão extenso, é natural que tenham existido alternâncias na intensidade do atrito entre potências. Os anos “quentes” do Pós-Guerra são sucedidos pelo “esfriamento” dos conflitos característicos do período conhecido como “Détente”. Por outro lado, os anos oitenta apresentam o reinício das tensões, com a modificação nas orientações de Washington e do reinício da corrida armamentista através do projeto

*¹ Graduado em História pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ.

“Guerra nas Estrelas”, ou SDI - Strategic Defense Initiative” (Iniciativa de Defesa Estratégica). O projeto reacende a fogueira da Guerra Fria de forma que se incendeiam também os conflitos constantes no Terceiro Mundo. (HOBSBAWM, 1995: p.244)

“A política de Ronald Reagan, eleito para Presidência em 1980, só pode ser entendida como uma tentativa de varrer a mancha da humilhação sentida demonstrando a inquestionável supremacia e invulnerabilidade dos EUA, se necessário com gestos de poder militar contra alvos imóveis, como a invasão da pequena ilha caribenha de Granada (1983), o maciço ataque aéreo e naval à Líbia (1986), e a ainda mais maciça e sem sentido invasão do Panamá(1989). Reagan, talvez por ser apenas um ator mediano de Hollywood, entendia o estado de espírito de seu povo e a profundidade das feridas causadas à sua auto-estima.”

Sucessivamente existe uma reação da direita ideológica mundial que consegue chegar ao poder em vários países aliados dos EUA. Entre estes, na Inglaterra, assume o governo a primeira-ministra Margaret Thatcher (1979-1990). Iniciava-se uma política econômica diferente pautada em um egoísmo comercial e no fim das práticas assistencialistas do Estado (típicas das décadas de 50 e 60). (HOBSBAWM, 1995: p. 245)

“A Guerra Fria reaganista era dirigida não contra o “Império do Mal” no exterior, mas contra as lembranças de F. D. Roosevelt em casa: contra o estado de Bem-estar Social, e contra qualquer outro Estado interventor. Seu inimigo era tanto o liberalismo [...] quanto o comunismo.”

Para o estudioso Mike Davis a política de Reagan, e da nova direita caracteriza o que ele chama de “Nova Guerra Fria”. Segundo Davis a estratégia reaganista constrói uma plataforma ideológica que visava reconduzir os EUA a hegemonia ocidental. (DAVIS, 1985: 89)

“Primeiro, o governo se opõe intransigentemente a qualquer nova ‘multilateralização’ da política internacional (...) porque teme o surgimento de alguns novos eixos de diplomacia ou cooperação política econômica. (...) Segundo a Nova Direita fez da restauração da superioridade estratégica norte-americana seu objetivo central e abranjente”

A década de 1980 foi marcada pelo recrudescimento das agressões da Guerra Fria no contexto da reação da direita e pela desmobilização do mundo soviético. A década final do conflito incluiu uma ação ideológica, visando a demonização do comunismo (que incluía as revistas em quadrinhos). Em 1989 vemos o fim da URSS e o início de uma nova era.

A Guerra Fria, para além de sua dinâmica de luta por áreas de influência, apresenta um momento ímpar da história, no qual as provocações, as ameaças, ou supostas ameaças foram mais importantes que os atos em si.

A título de comparação, vale dizer que a Idade Média difundiu entre a população uma ideia de que o mundo poderia acabar a qualquer momento sob a mão pesada da punição divina. O período da Guerra Fria também foi marcado por uma nebulosa de medo, apreensão essa, característica da escatologia. Dominava novamente uma certeza de que o mundo estava às portas do apocalipse, só que, dessa vez, o culpado seria a própria mão do homem. Criou-se o “mito” do botão vermelho, que iniciaria as detonações nucleares em cadeia, relegando o mundo apenas às baratas.

A literatura, os filmes e a poesia produzida naqueles tempos refletem claramente essa tensão. Naquele contexto, a produção artística funcionava como uma válvula de escape para o medo. Mas não à toa. O historiador britânico Eric Hobsbawm afirma que a Guerra Fria é produto de uma “intenção” oficial do governo dos EUA. Um curta análise oferece diversos presidentes eleitos, democratas e republicanos, segurando a bandeira do anti-comunismo. O medo do fim gerava votos, a insegurança gerava apoio e a manutenção desse pensamento mantinha-os no poder. O lado soviético e a ditadura do proletariado, em contrapartida, não precisavam adotar posturas carismáticas, estimular divergências ou se apropriar de um clima de medo para se manterem no comando:

“Os febris roteiros de ataque nuclear que vinham da publicidade governamental e dos mobilizados adeptos da Guerra Fria ocidentais, no início da década de 80, eram gerados por eles mesmos. Na verdade tiveram efeito de convencer os soviéticos de que um ataque nuclear preemptivo do Ocidente à URSS era possível, como em momentos de 1983 – eminente.”

(HOBSBAWM, 1993: p.244)

Sobre o imaginário político, ou seja, a maneira como é formada nossa cultura política, o renomado historiador francês Raoul Girardet, afirma que muitas das construções doutrinárias possuem com maior ou menor grandeza evocações à construção de uma mitologia. De acordo com a análise das Histórias em Quadrinhos é possível encontrar também nas revistas posições ideológicas, e figurações míticas que facilitariam a imposição de valores.

“Então, é em toda sua autonomia que se impõe o mito, constituindo ele próprio um sistema de crença coerente e completo. Ele já não invoca, nessas condições, nenhuma outra legitimidade que não a de sua simples afirmação. [...] E sem dúvida, qualquer que seja o caso, a experiência mostra que cada uma dessas ‘constelações’ mitológicas pode surgir dos pontos mais opostos do horizonte político”. (GIRARDET, 1987: p. 12)

O imaginário é apenas uma das propostas da Nova História Política. O campo dos estudos políticos busca reafirmar-se como interpretação confiável da História, por meio da renovação de abordagens como a opinião pública, o comportamento eleitoral e os grupos de pressão. Há que se ressaltar, da mesma forma, a aproximação com outras ciências sociais, como a Antropologia. Rodrigo Patto Sá Motta apresenta sua definição do conceito de imaginário:

“Representação ou conjunto de representações imagéticas de determinados aspectos ou fenômenos da vida social como anseios, temores, utopias, valores, crenças, etc. Tais representações encerram uma importância fundamental, na medida em que tornam aceitáveis e assimiláveis determinados aspectos da realidade, contribuindo para conferir coesão e identidade aos diversos grupos sociais. [...] O imaginário, aqui, diz respeito à construção de representações da realidade que dificilmente coincidem totalmente com o real. Mas, também não é pura e simplesmente uma mistificação.” (PATTO, 1996: p. 83)

As revistas de Histórias em Quadrinhos desempenharam um importante papel na construção do imaginário de orientação política ocidental da Guerra Fria. Utilizando-se dos heróis e de seus mundos fictícios e idealizados como parte integrante da

formação de uma cultura política, o imaginário legitima a ação oficial do governo durante os anos do conflito:

“Os processos de legitimação política passam pelo estabelecimento de um imaginário que resume e simboliza, a nível da mentalidade popular, as mensagens e valores do poder. O poder necessita, além das estruturas burocráticas, além das instituições representativas e/ou coercitivas, da criação de imagens que atinjam de maneira imediata os corações e mentes da população. Frequentemente mais os corações que as mentes” (MOTTA, 1996: p. 90)

A produção de revistas no Ocidente, nos anos 1980, foi marcada por um “boom” na produção de *Graphic Novels*, apresentadas em volumes encadernados, de número limitado. A *Graphic Novel*, ainda que publicada por uma grande editora, conserva características mais autorais que seus congêneres, permitindo a experimentação, a criação de novas personagens, ou a utilização de novos temas.

A análise destas revistas possibilita a representação de aspectos comuns da política ocidental e da palavra-chave que permeava o imaginário da Guerra Fria reaganista: medo, sobretudo o medo do “fim do mundo”. É interessante notar que as *Graphic Novels* se encaixam no contexto da Guerra Fria, não pelo óbvio, visto que não há um inimigo comunista declarado, nem uma construção ideológica clara contra o comunismo (não se identifica o símbolo da foice e do martelo no peito de vilões, por exemplo). O mundo da Guerra Fria é descrito exatamente no temor do que pode acontecer, na dúvida maior: sobreviveremos a um combate nuclear? E se sobrevivermos, o que será de nós? Como ficará o mundo que conhecemos? Quem seremos nós nesse novo mundo?

Alan Moore, nascido na cidade de Northampton, na Inglaterra, em 1953, é considerado um dos responsáveis pela guinada que as revistas em quadrinhos deram na década de 80. Filho de uma família de operários, após ser expulso da escola em que estudava aos 17 anos por uso de drogas, teve que trabalhar para conseguir se manter. Conseguiu publicar alguns trabalhos em fanzines² ingleses e aos poucos suas obras conseguiram ganhar espaço no mercado inglês e norte-americano.

²Fanzine é uma revista escrita por fãs, a palavra deriva da junção das palavras Fã ou “fanatic” e

Moore é privilegiado por sua imaginação e capacidade de transformar o simples em algo rebuscado com finais surpreendentes. No início dos anos 80, enquanto ainda trabalhava na Inglaterra, começou a publicar a revista “V for Vendetta”, pela editora Warrior, em parceria com o desenhista David Lloyd.

“V de vingança” (título da obra em língua portuguesa), ambienta-se em um futuro pós apocalíptico, no ano de 1997. Um “futuro” de pouco menos de dez anos à frente do período em que a história terminou de ser escrita, simbolizando o quanto se acreditava que o fim do mundo estava próximo.

A história começa com uma adolescente se arrumando, enquanto ouve a rádio oficial do governo inglês, que também é a única rádio existente. A menina de apenas dezesseis anos, Evey Hammond, procura as áreas afastadas da cidade, onde encontra um homem parado. Ela se aproxima, e desajeitada se oferece para o sujeito. A proposta até é bem recebida, mas o homem é na verdade um policial, que anuncia que prostituição é um tipo de crime que lhe dá permissão para punição imediata. A menina é empurrada para uma parede, enquanto o policial afirma que fará o que quiser com ela e depois a matará.

Eis que surge o protagonista da revista. Vestido com uma túnica preta, chapéu e uma máscara sorridente, ele cita livremente versos de Macbeth, de Shakespeare, enquanto salva a jovem das garras da morte. Em um terraço do centro de Londres, herói e vítima aguardam o que ele chama de celebração. Um estrondo ocorre e um clarão ilumina a noite: o Parlamento Inglês voa pelos ares.

O enredo se inspirou em um acontecimento verídico. Em 5 de novembro de 1605 um grupo de conspiradores católicos, insatisfeitos com o governo do Rei Jaime I, planejaram destruir o parlamento durante sua sessão. Um dos conspiradores, Guy Fawkes, era o responsável pela pólvora do atentado. Descoberto, ele foi torturado até denunciar todos os seus companheiros, dando fim ao movimento que ficou conhecido como “Conspiração da Pólvora”.

Os adventos fictícios de “V de Vingança” são orientados pela história real de Guy Fawkes e sua tentativa de destruir o parlamento. O figurino do protagonista remete ao antigo “terrorista” e os versos cantados durante a destruição do Parlamento são o mesmo declamados até hoje na Inglaterra, nas comemorações do dia 5 de Novembro.

“Magazine” que em inglês significa revista.

A guerra nuclear ocorrida na revista e suscitada nas lembranças de Evey teria sido causada pela invasão da Polônia por potências soviéticas e o subsequente uso de armas nucleares pelo governo estadunidense, causando o fim de grande parte do mundo.

Continentes como a África e a Europa são completamente destruídos e o clima fica totalmente alterado. A barragem do Tâmisas cede, alagando cidades inteiras, as plantações inglesas estavam todas arrasadas e o céu ganhou uma coloração amarela e preta. Cabe lembrar que também em “V de vingança” a guerra nuclear é iniciada por um plano expansionista dos soviéticos. A revista descreve claramente que o Presidente Kennedy faz uso do arsenal nuclear apenas após as ações comunistas.

Existe em “V de Vingança” uma ideia de relacionar a ação da URSS e a hecatombe nuclear. Embora diversos pesquisadores apontem para a passividade da União Soviética em contrapartida à ação militarizada norte-americana. A respeito desse plano de disseminação ideológica Edward Thompson afirma que:

“ Existia uma teoria da conspiração em todas as análises elaboradas na órbita stalinista. ‘Os círculos dirigentes’ dos Estados Unidos estavam aplicando todos os seus esforços á preparação de uma nova guerra, sendo novos planos de agressão constantemente preparados por esses mesmos círculos. Atribuía-se então uma presciência criminosa ao inimigo. De forma tanto implausível quanto alheia às categorias marxistas” (THOMPSON, 1985: p. 16)

No mundo pós Terceira Guerra Mundial apresentado pela narrativa de “V de vingança” os esgotos transbordavam em lixo, epidemias se sucediam, a comida era pouca e os tumultos e a violência tomavam as ruas. Até 1992, não existia um governo para buscar uma ordem em meio a essa situação, quando uma coalizão fascista conhecida como Chama Nórdica toma o poder inglês. O novo governo se organiza como um corpo humano: A cabeça é o líder e ditador Adam James Susan, Uma rede de câmeras espalhadas pela Inglaterra funciona como os olhos. um sistema de escuta e análise de todas a conversas são os ouvidos e o departamento de investigação é o nariz. O sistema radiofônico oficial, disposto em diversas caixas de som representam a boca, enquanto os policiais correspondem aos dedos. Logo são criados os primeiros campos

de concentração, que passam a receber negros, muçulmanos, homossexuais e qualquer pessoa que tivesse alguma relação com o pensamento socialista.

Um desses locais, o campo Larkhill, abrigava inúmeros presos. Neste campo, ocorriam testes com drogas medicinais e pesquisas hormonais utilizando cobaias humanas. Durante os dois primeiros meses, cerca de 70% dos prisioneiros não resistiram ao processo e morreram. Alguns dos pacientes falecidos desenvolveram mamilos extras, dedos vestigiais e atrofia de órgãos genitais. No final do experimento sobreviveram apenas cinco pessoas, que foram dispostas em quartos sinalizados por algarismos romanos. O paciente da sala V, ao contrário dos demais não só sobreviveu como apresentou algumas superioridades físicas. Ficou mais forte, mais ágil e inteligente. Uma explosão surpreende os trabalhadores do campo Larkhill, e, em meio ao fogo e à fumaça, surge o paciente da sala V, que consegue fugir., adotando o codinome que passará a identificar sua “vendetta”, sendo a destruição do Parlamento o primeiro passo da vingança por ele planejada.

Cada um dos responsáveis pelo campo Larkhill, mesmo os que ocupam lugares importantes no governo, são pegos e punidos. Paralelamente vemos que o plano aprofunda-se para uma sublevação que pretende mostrar ao povo as responsabilidades desse governo fascista.

A revista torna os papéis de herói e vilão dicotômicos, distantes, mas profundamente mais complexos do que em outras narrativas. V é ao mesmo tempo um herói que tem intenção de salvar seu povo e um anti-herói, que pune, que mata e leva a óbito aqueles que são contrários as suas opiniões.

A partir da associação da figura heróica do codinome V e da figura real do “terrorista” Guy Fawkes “V de vingança” oferece uma racionalização sobre o direito de questionar o governo vigente. Em uma das edições da revista, Alan Moore incluiu uma orelha que continha sua interpretação – e também um desabafo – sobre a vida na Inglaterra de Margaret Thatcher:

“Estamos em 1988 agora. Margareth Thatcher está entrando em seu terceiro mandato e falando de uma liderança inquebrantável dos conservadores no próximo século. Minha filha mais jovem tem sete anos, e um jornal tablóide está circulando a ideia de campos de concentração para pessoas com AIDS. [...] O governo expressou seu desejo de erradicar a homossexualidade e as

peessoas já ficam especulando contra qual outra minoria irá legislar. Estou pensando em reunir minha família e deixar o país nos próximos anos. Este lugar está virando uma terra fria e hostil, e eu não gosto mais daqui.”
(MOORE, 1989: vol.1, capa)

Nesse contexto “V de vingança” é uma crítica a posturas autoritárias e não apenas a governos autoritários. O sentimento escatológico expresso em suas páginas, está impregnado do medo de que a história se repita, o que torna o pós-Terceira Guerra narrativo uma alegoria do pós-Primeira Guerra real, período durante o qual ocorreu a organização de partidos extremamente nacionalistas e que vitimam as minorias.

O historiador britânico Edward Thompson em sua hoje clássica obra, afirma que durante a Guerra Fria existia uma política centrada no armamentismo que envolvia diversos aspectos da sociedade empurrando o mundo para o conflito final, o que o autor chama de “Exterminismo”.

“O exterminismo designa aquelas características de uma sociedade – expressas, em diferentes graus, em sua economia, em sua política e em sua ideologia – que a impelem em uma direção cujo único resultado deve ser o extermínio de multidões. O resultado será o exterminismo [...] como consequência direta de atos anteriores da política da acumulação e do aperfeiçoamento dos meios de extermínio, e da estruturação de sociedades inteiras de modo a estarem dirigidas para esse fim.” (THOMPSON, 1985: p. 43)

“V de Vingança”, reafirma as concepções impregnadas no mundo ocidental de que o mundo acabará e que será culpa da URSS, também apresenta uma crítica a esse mundo destrutivo e exterminista. O covil, onde o “terrorista” V se refugia, batizado na revista de “galeria sombria”, parece ser uma mistura de esconderijo seguro e museu, onde ele próprio guarda elementos da cultura ocidental. Livros, filmes antigos, armaduras medievais. Na verdade, a manutenção de todos esses objetos oferecem um duplo sentido. Primeiro, o da sobrevivência da cultura no apocalipse e no perigo que ela oferece para o novo governo, motivo pelo qual foi marginalizada. Esta concepção dá a entender que a leitura e a música conferem uma espécie de iluminação ao leitor.

Em segundo lugar, percebemos uma espécie de saudosismo, de adoração ao antigo como justo, como belo. São citadas músicas do grupo de sucesso nos anos 50

“Marta and the Vandellas”, além da cantora Billie Holiday e até o grupo de Reggae “Black Uhuru”. As prateleiras da galeria sombria estão recheadas de livros como “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, “Ivanhoé”, de Walter Scott, “Frankenstein”, de Mary Shelley e várias obras de Shakespeare. Uma *jukebox* ao fundo toca a todo momento uma nova canção. As músicas e as obras não fazem referência aos anos 1980 e sim ao passado distante que guarda um mundo melhor, mais puro, mais livre e principalmente um mundo de paz.

Raoul Girardet afirma que essa ode ao antigo, é uma das características do imaginário político. É o que ele chama de “Idade do Ouro”:

“ao nível mais elementar da construção mítica o que o analista encontra em primeiro lugar é, sem dúvida o que se pode indiretamente chamar de os ‘bons velhos tempos’ ou as ‘belas épocas’. E não se trata aqui dessa função imemorial de criatividade legendária que os ‘antigos’ sempre exerceram, evocando o tempo passado e a juventude [...] A importância do político aparece, em compensação, de maneira sensivelmente mais convincente na evocação, tão constante no decorrer dos dois últimos séculos, de certo número de tempos de referência histórica, a uma só vez objetos retrospectivos de culto e modelos propostos de organização coletiva” (GIRARDET, 1987: p 98)

Nesse sentido, a descrição de um mundo feio, caótico, maligno e alterado serve também para abrilhantar um passado luminoso, serve como alerta de que a continuidade da política exterminista traria uma escuridão ainda maior para o mundo.

O protagonista da história, é apresentado como um homem que, em sua busca por vingança, poderá libertar o povo do totalitarismo. Ainda na primeira revista da série são apresentados aos leitores tanto herói como vilão, através de falas longas, que perpassam por inúmeros quadrinhos. O Ditador da Inglaterra Adam Susan se apresenta:

“Eu sou o líder. Líder dos perdidos, governante das ruínas. Eu sou um homem como qualquer outro. Eu lidero o país que amo para fora da desolação do século vinte. Acredito na sobrevivência, no destino da raça nórdica, eu acredito no fascismo. Oh, sim. Eu sou um fascista. O que é fascismo? Uma palavra. Um termo cujo significado se perdeu no resmungo dos fracos traidores. Os romanos inventaram o fascismo. Um maço de gravetos era seu símbolo. Um graveto podia ser partido. O maço resistiria. Fascismo... força,

união. [...] E se a força, a união de propósitos exige uniformidade de pensamento, palavras e feitos que assim seja. Eu não ouvirei súplicas por liberdade. Sou surdo aos apelos por direitos civis. São luxos. Eu não acredito em luxos. A guerra escorraçou os luxos. A guerra escorraçou a liberdade.”
(MOORE, 1989: vol 1, p. 35-37)

V, por sua vez, sobe até o terraço do Old Bailey, prédio onde se localiza a corte criminal inglesa, e dialoga com uma estátua representando a Madame Justiça. Neste discurso, V apresenta sua motivação e toda sua contrariedade ao governo:

“Olá, formosa dama. Linda noite, não? Perdoe-me a interrupção. Talvez a senhorita pretendesse passear... apenas desfrutar a paisagem. Não importa. Creio que é chegado o momento de termos uma breve conversa. [...] Para ser sincero, outrora fui admirador seu. [...] Por favor, não pense se tratar apenas de atração carnal! Sei que não é esse tipo de mulher. Eu a amava como pessoa, como ideal! Isso foi há muito tempo. Agora, confesso que há outra... ‘O quê? Que vergonha, V! Traindo-me com uma meretriz de lábio pintado e sorriso vulgar!’ Eu, Madame? Permita-me divergir. Foi sua infidelidade que me lançou aos lábios dela. Ahá! Ficou surpresa, não? Pensou que eu desconhecia suas escapadelas? Ledo engano! Eu sei de tudo! Na verdade, não me surpreendi quando soube que flertava com um homem de uniforme! ‘Uniforme? E-eu não sei do que está falando! Sempre foi você, V... o único em minha...’ Mentirosa! Meretriz! Ousa negar que se deixou envolver por ele, suas braçadeiras e botas? Ah! O gato comeu sua língua? Foi o que pensei. Muito bem! Afinal, a verdade se revela. Você não é mais minha justiça. É a dele. Deitou-se com outrem. Bem, eu posso fazer o mesmo. ‘Snif! Snif! Q-quem é ela, V? Como se chama?’ Seu nome é Anarquia. E, como amante, ela me ensinou mais do que você. Com ela, aprendi que, sem liberdade, não há sentido na justiça.” (MOORE, 1989: vol 1, p. 37-39)

Podemos perceber que existe na construção da personagem “V” algumas especificidades que devem ser esmiuçadas. Em nenhum momento da revista seu rosto é apresentado ao leitor. Sabe-se apenas que sua pele foi totalmente ou parcialmente queimada durante o acidente no campo de concentração. Campos estes, que incluíam homossexuais, comunistas, negros e muçulmanos, mas não se define em momento algum a qual dessas minorias ele pertence. Só se pode deduzir que essa indefinição não

é casual, já que ela diz que qualquer um pode fazer o que ele faz. Assim podemos verificar em V características descritas por Girardet a respeito do que ele chama de “salvador” :

“Assim, o tema do Salvador, do chefe providencial, aparecerá sempre associado a símbolos de purificação: o herói redentor é aquele que liberta, corta os grilhões, aniquila os monstros, faz recuar as forças más. Sempre associado também a imagens de luz – o ouro, o sol ascendente, o brilho do olhar – e imagens de verticalidade – o gládio, o cetro, a árvore centenária, a montanha sagrada.” (GIRARDET, 1987: p. 70)

Existe a construção intencional de uma personagem salvadora que, originária da população, “cidadão perfeitamente banal e, acidentalmente promovido à vida política, derruba seus adversários mais espertos por sua candura e seu bom senso” (GIRARDET, 1987: p. 79). Tal raciocínio admite também que qualquer um pode tomar esse manto e seguir a luta pela liberdade e pelo que é certo. O que de fato acontece na revista, visto que a personagem Evey Hammond sucede V na tentativa de derrubar o governo despótico da Inglaterra.

Alan Moore reproduziu em suas obras tanto o medo da guerra nuclear quanto a revolta pela contribuição humana ao “fim do mundo”. Essas revistas apresentam os sintomas dos anos 1980, no qual, após anos de Guerra Fria, a mentalidade da população já havia se impregnado com as ideias da política exterminista. Em certo momento de “V de Vingança” o protagonista invade uma rede de televisão e força a exibição de uma gravação que culpa os homens por suas ações. De acordo com a revista:

“Imagino que você esteja se perguntando por que foi chamado aqui esta noite. Sabe, eu não estou inteiramente satisfeito com o seu desempenho nos últimos tempos. [...] bem, para ser franco, nós andamos tendo problemas! Não se pode fechar os olhos para isso. E sabe onde eu acho que a maioria deles se origina? Na sua indisposição natural para subir dentro da companhia. Você não quer encarar responsabilidades verdadeiras, nem ser seu próprio chefe. [...] E não adianta culpar a gerência pela queda nos padrões de trabalho embora eu saiba que ela deixa muito a desejar. Na verdade, sem papas na língua... a gerência é deplorável! Nós tivemos uma sucessão de malversadores, larápios e lunáticos tomando um sem-número de decisões

catastróficas. Isso é inegável. Mas quem os elegeu? Você! Você indicou essas pessoas. Você deu a elas o poder para tomarem decisões em seu lugar.”
(MOORE, 1989: vol 3, p.3-7)

O estranhamento do discurso está na apresentação gráfica dos líderes que elegemos. Atrás da personagem V estão os ditadores Adolf Hitler, Josef Stalin e Benito Mussolini e alguém que não é visível, por estar escondido pela fala de V. Entre estes nenhum foi eleito popularmente para os cargos máximos que ocuparam³. Ao que então se refere a crítica de V? Chamamos atenção para uma informação que já fora dada, o mundo criado por Alan Moore é uma crítica não apenas ao totalitarismo, mas também a posturas autoritárias. A fala destina-se, então, a refletir as ações dos governos típicos dos anos 1980. Hobsbawm assim se refere a esses governos:

“Governos de direita ideológica, comprometidos com uma forma extrema de egoísmo comercial e laissez-faire, chegaram ao poder em vários países por volta de 1980. Entre esses, Reagan e a confiante e temível Sra. Thatcher na Grã Bretanha (1979-1990) eram os mais destacados. Para essa nova direita, o capitalismo assistencialista patrocinado pelo Estado das décadas de 1950 e 1960 (...) sempre havia parecido uma subvariedade do socialismo”.
(HOBSBAWM, 1995: p.277)

Tendo em mente estas reflexões podemos concluir que Moore apresenta em sua obra, para além de suas próprias observações e opiniões, parte do imaginário comum a todos que viviam no Ocidente durante os anos 1980, e portanto podemos vislumbrar o quanto a guerra fria aterrorizou o mundo com sua proximidade com a extinção total da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

CIRNE, Moacy. MOYA, Álvaro de (org.) **Literatura em quadrinhos no Brasil:** acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2002.

³ Mussolini foi eleito Deputado em 1921, mas recebeu do Rei Vítor Emanuel III a missão de iniciar seu governo.

- DAVIS, Mark. O imperialismo nuclear e a dissuasão. In. THOMPSON, Edward Palmer. (Org) **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric J. Adeus a tudo aquilo. In. BLACKBURN, Robin (org.). **Depois da queda** – São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- JUNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- KIERNAN, Victor Gordon. **Estados Unidos: o novo imperialismo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LUYTEN, Sonia Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A história política e o conceito de história política**. In: X Encontro Regional de História da Anpuh/MG, 1996, Mariana. LPH – Revista de História. Belo Horizonte: 1996. p. 83-91.
- MOYA, Álvaro de (org.). **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.
- MUNHOZ, Sidnei. Guerra Fria: Um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira (Org.) **O século sombrio: Uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- THOMPSON, Edward Palmer. Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização. In: _____. **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In. VERGUEIRO, Waldomiro. RAMA, Ângela. (org.) **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”. In: _____. RAMA, Ângela. (org.) **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- VISSENTINI, Paulo G Fagundes. A pax americana e a ordem mundial bipolar (1945-1987) In: _____. **História do Mundo contemporâneo: da pax britânica do séc. XVIII ao choque das civilizações do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- WOLF, Alan. Política perversa e Guerra Fria. In THOMPSON, Edward Palmer. (Org) **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FONTES PRIMÁRIAS

MOORE, Alan. LLOYD, David. **V de Vingança**. 5 vol. São Paulo: Editora Abril: 1989.